

## O TRATAMENTO DA ORALIDADE EM UMA COLEÇÃO DE LIVRO DIDÁTICO DE ALFABETIZAÇÃO APROVADA NO PNLD 2019

*Estephane Priscilla dos Santos Mendes<sup>1</sup>*

*Ana Claudia Rodrigues Gonçalves Pessoa<sup>2</sup>*

*Eixo temático: 1. Alfabetização e Políticas Públicas*

**Resumo:** Nesse artigo, buscamos analisar a proposta de trabalho com o eixo de ensino oralidade em coleção aprovada pelo PNLD 2019 para os três primeiros anos do Ensino Fundamental. Para isso, desenvolvemos uma análise documental a partir da coleção de livros didáticos “Ápis – Língua Portuguesa” de autoria de Ana Trinconi, Terezinha Bertin e Vera Marchezi, da Editora Ática. Essa análise nos permitiu identificar as possíveis contribuições desse material no ensino de oralidade para as turmas do Ciclo de Alfabetização, além de identificar a proposta de trabalho com o eixo de ensino oralidade na coleção, caracterizando e comparando as atividades voltadas para o ensino do oral. Os resultados apontam que na coleção em tela o trabalho com o oral, enfatiza basicamente as situações de conversa informal sobre temas diversos que objetivam desenvolver nos alunos habilidades referentes a constituição de sua identidade psicossocial, valores, atitudes e comportamentos. Outras atividades promovem situações de aprendizagem em relação a regras de convivência em sala de aula (escutar com atenção e compreensão instruções orais, respeitar acordos e combinados que organizam a convivência em sala de aula, etc.), características da conversação espontânea (respeito aos turnos de fala, escuta atenta, uso de fórmulas de cortesia: por favor, obrigado, com licença, dentre outros), identificação de aspectos não linguísticos (paralinguísticos) e trabalho com gêneros orais (exposição oral, instruções, reconto de histórias, entre outros).

**Palavras-chaves:** Oralidade; Livro didático; Alfabetização.

### Introdução

Ao tratarmos de livros didáticos de alfabetização é impossível não recordarmos das cartilhas que fizeram parte da alfabetização de milhares de brasileiros no século passado. A história das cartilhas no Brasil, se confunde com a própria história da alfabetização e dos métodos de ensino da leitura e da escrita em nosso país. Segundo Vieira (2017), “as cartilhas buscaram orientar, passo a passo, o processo de alfabetização iniciando as lições das mais

<sup>1</sup>Doutoranda em Educação. Universidade Federal de Pernambuco. Contato: [estephane92@hotmail.com](mailto:estephane92@hotmail.com)

<sup>2</sup>Doutora em Educação. Universidade Federal de Pernambuco. Contato: [aclaudiapessoa@gmail.com](mailto:aclaudiapessoa@gmail.com)

simples para as mais complexas, acreditando que todos os alunos teriam o mesmo aproveitamento na aprendizagem da leitura e da escrita” (VIEIRA, 2017, p. 35).

De acordo com Albuquerque e Ferreira (2019), até a década de 1980 as cartilhas foram o único, ou principal, material didático utilizado para o ensino da leitura e da escrita. Esse material caracteriza-se pela adoção de métodos de ensino tradicionais e prescreviam para o professor todas as atividades que ele deveria desenvolver para que seus alunos aprendessem a ler e escrever.

A partir da década de 1980, no Brasil, os currículos nacionais e os materiais pedagógicos produzidos pelo Ministério da Educação para a formação de professores passaram a dar lugar de destaque aos estudos sobre a psicogênese da língua escrita e a defenderem que as crianças aprendessem interagindo com textos escritos relacionando-os aos seus usos sociais, ou seja, era preciso gerar um ensino centrado em práticas que promovessem a reflexão sobre como funciona o Sistema de Escrita Alfabética (SEA). Desse modo, os livros didáticos destinados a alfabetização passaram por duras críticas que culminaram em inúmeras mudanças nesse material.

A partir da década de 1990 fica ainda mais perceptível as mudanças pelas quais os manuais didáticos para alfabetização estavam passando. Albuquerque e Morais (2011) apontam dois fatores que contribuíram para as mudanças pelas quais passaram os manuais didáticos de alfabetização, são eles, por um lado, as mudanças de natureza teórica decorrentes de desenvolvimento das pesquisas (psicogênese da escrita, letramento, dentre outras), desenvolvidas em diferentes áreas de ensino, e, por outro, as mudanças resultantes da implantação do PNLD que além de distribuir os livros didáticos, passou também a avaliá-los, impulsionando mudanças nesses materiais.

Nesse sentido, diante das inovações teóricas no campo da alfabetização e da própria institucionalização do PNLD, os livros didáticos de alfabetização passaram (e ainda passam) por alterações e avaliações. Sendo assim, passou-se a considerar que os livros didáticos de alfabetização precisariam contemplar não só o trabalho com o sistema de escrita alfabética e/ou com o letramento, mas, possibilitar a criança, ao longo dos três anos do Ciclo de Alfabetização o contato com os diferentes eixos de ensino da Língua Portuguesa, sendo eles: Leitura, Produção de Textos Escritos, Análise Linguística (Apropriação do Sistema de Escrita Alfabética) e Oralidade.

Albuquerque e Morais (2011) apresentam com base no Guia de Livros Didáticos – PNLD 2010, como as coleções de alfabetização aprovadas pelo referido Guia, se organizam no que se refere aos diferentes eixos do ensino da Língua Portuguesa. No que se refere ao eixo da Leitura, os autores apontam que as coleções têm contemplado uma diversidade de

gêneros representativos de diferentes esferas de circulação social (contos, poemas, notícias, piadas, propagandas, bilhete, carta, anúncio, fábulas, lendas, documentos, tirinhas, biografias, etc.) além de textos da tradição oral, como cantigas, parlendas, trava-línguas e poemas, apresentando, um trabalho para o desenvolvimento da capacidade de compreensão de textos, com atividades que exploram diferentes estratégias de leitura.

No eixo de Produção de Textos Escritos, Albuquerque e Morais (2011) afirmam que se trata de um eixo bem contemplado, que envolve produção de gêneros diversos em situações contextuais bem definidas, mas, que ainda há, de acordo com os autores, muito a ser melhorado. O eixo de Apropriação da Escrita Alfabética, explora sistematicamente, o conjunto das relações que se estabelecem entre a pauta sonora do português e os recursos disponíveis na escrita alfabética, permitindo ao aluno que, não apenas domine as propriedades de funcionamento da escrita alfabética, mas, que inicie e avance bastante no processo de consolidação das correspondências grafofônicas.

O eixo de oralidade, foco deste trabalho, é, segundo Albuquerque e Morais (2011), o eixo que menos apresenta avanços, sendo pouco explorado. Para esses autores, as coleções apresentam atividades voltadas para a produção de textos orais, embora a diversidade de gêneros ainda seja pequena. Sendo assim, predominam propostas para que o aluno converse com o colega, discuta com o professor, apresente sua opinião sobre determinado assunto, reconte uma história, cante uma cantiga, dentre outras atividades, que pouco exploram gêneros mais formais e públicos da oralidade.

Diante dessas discussões, buscamos analisar a proposta de trabalho com o eixo de ensino oralidade em coleção aprovada pelo PNLD 2019 para os três primeiros anos do Ensino Fundamental. Pois defendemos que o oral se constitui como objeto a ser ensinado, exigindo do professor uma compreensão da oralidade em sua complexidade, de forma que o ensino da língua oral não se limite à conversação cotidiana, mas, que a partir das situações de interação oral tão comuns em sala de aula, surja um trabalho efetivo de ensino da oralidade em todas as suas dimensões e especificidades.

Desse modo, se tomamos a oralidade enquanto objeto de ensino, compreendemos que há um conhecimento construído que contempla essa sua dimensão, tendo como objetivo desenvolver no aprendiz a competência comunicativa e/ou discursiva, de modo a evidenciar habilidades necessárias para a plena participação social (COSTA-MACIEL, 2013). Sendo assim, é importante que professores e professoras compreendam o que se deve ensinar quando se trata de oralidade em sala de aula, ou seja, que se compreenda quais estratégias didáticas podem ser mobilizadas para esse ensino.

As estratégias de ensino do oral precisam estar pautadas na interlocução e dar

importância ao contexto de produção, é necessário que, em todos os níveis de ensino o discurso oral seja tomado como conteúdo e não apenas como algo que acontece acidentalmente e sem planejamento. Nas turmas de Alfabetização, foco desse artigo, acreditamos que cabe ao professor ou professora ser mediador no processo de uso da oralidade, levando seus aprendizes a desenvolver diferentes habilidades que os auxiliem a atender o que o contexto comunicativo lhe exige, seja na prática oral ou escrita da língua.

Considerando que o professor tem esse papel de mediação no processo de ensino e aprendizagem da leitura, escrita e oralidade, acreditamos que são necessário materiais de suporte didático e pedagógico aos quais os docentes possam recorrer para desenvolver suas práticas de ensino. Dentre esses materiais está o livro didático.

### **3 Metodologia**

Desenvolvemos uma análise documental a partir da coleção de livros didáticos “Ápis – Língua Portuguesa” de autoria de Ana Trinconi, Terezinha Bertin e Vera Marchezi, da Editora Ática. Essa análise nos permitiu identificar as possíveis contribuições desse material no ensino de oralidade para as turmas do Ciclo de Alfabetização, além de identificar a proposta de trabalho com o eixo de ensino oralidade na coleção, caracterizando e comparando as atividades voltadas para o ensino do oral.

Inicialmente realizamos a análise dessa coleção em dois níveis: primeiro, através do levantamento de todas as atividades de oralidade nos 3 (três) primeiros volumes da coleção, identificamos e quantificamos essas atividades; no segundo nível, classificamos essas atividades a partir das dimensões propostas por Leal, Brandão e Lima (2012) e Souza (2015): situações informais de interação oral, valorização de textos da tradição oral, oralização do texto escrito, variação linguística e relações entre fala e escrita, produção e compreensão de gêneros orais.

Para fins de nossa análise, reorganizamos algumas dessas dimensões, por exemplo, dividimos a dimensão “variação linguística e relações entre fala e escrita”, de modo a obter duas dimensões distintas e incluímos a “oralização do texto escrito” na dimensão “relações entre fala e escrita”. Desse modo, obtivemos 5 “novas” dimensões: 1. situações informais de interação oral; 2. valorização de textos da tradição oral; 3. relações entre fala e escrita; 4. variação linguística; e, 5. produção e compreensão de gêneros orais. Para apresentar os resultados de nossa análise da coleção “Ápis Língua Portuguesa”, elaboramos quadros que demonstram a quantidade de atividades de ensino do oral. Esses quadros nos ajudaram a visualizar as dimensões mais priorizadas ao longo da coleção e os tipos de atividades mais presentes.

#### 4 Resultados e Discussão

Assim como todas as outras coleções avaliadas pelo PNLD 2019, a coleção “Ápis Língua Portuguesa” está alinhada ao desenvolvimento de práticas e conteúdos expressos na 3ª versão da BNCC, apresentando assim, cada objeto de conhecimento e habilidades a serem exploradas ao longo das diferentes unidades. No que concerne aos fundamentos teóricos que estruturam a coleção, o gênero/texto ganha centralidade nas práticas de linguagem (falar/ouvir, ler/escrever) e se vincula a várias áreas de atuação e situações comunicativas: cotidiana, literária, de divulgação científica e jornalística. No quadro 1, apresentamos o quantitativo de atividades que trabalham com oralidade ao longo da coleção, as organizamos por dimensão de ensino.

**Quadro 1.** Total de Atividades por Dimensão do Ensino da Oralidade

Dimensões	1º ano	2º ano	3º ano	TOTAL
Situações informais de interação oral	49	40	41	130
Valorização de textos da tradição oral	17	16	7	40
Relações entre Fala e Escrita	9	14	23	46
Variação Linguística		1	8	9
Produção e Compreensão de gêneros orais	4	6	5	15
<b>TOTAL</b>	<b>79</b>	<b>77</b>	<b>84</b>	<b>240</b>

As atividades que promovem momentos de conversa informal em sala de aula são as mais priorizadas pelos manuais didáticos (MARCUSCHI, 2005; LEAL; BRANDÃO; LIMA, 2012; SOUSA-MACHADO, 2013; WINCH, 2014), na coleção “Ápis – Língua Portuguesa” elas constituem cerca de 54% das atividades destinadas ao trabalho com o oral. Consideramos atividades que contemplam essa dimensão de ensino, aquelas que promovem diferentes situações sociais em que a oralidade está presente de modo informal: pedir informações, dar recados, elaborar avisos, ou seja, atividades que possibilitem as crianças o uso contextualizado da linguagem oral mediante formas comuns de se iniciar uma conversação, fazer pedidos, perguntas, expressões de cortesia.

O fato é que apesar de muito criticadas, as situações de uso do oral informal e cotidiano também podem contribuir com o ensino de oralidade, a depender da mediação docente, principalmente no Ciclo de Alfabetização, pois para interpretar o que ouve e responder perguntas com clareza, a criança precisa ter pensamento organizado e linguagem oral desenvolvida. Para isso, é necessário que a criança participe de situações autênticas de comunicação, em que seja estimulada a falar e a organizar suas ideias antes de transmiti-las.

Atividades que promovam momentos de interação informal podem, por exemplo, levar os alunos a desenvolver a capacidade de argumentação para defender seu ponto de vista,

além de contribuir para momentos de escuta atenta e respeito a fala do colega. Expressando-se oralmente, a criança amplia seus horizontes de comunicação, exercita o pensar, socializa-se, organiza a sua mente, interpreta o mundo, expõe ideias, debate opiniões, expressa sentimentos e emoções, comunica-se com facilidade (CHAER, GUIMARÃES, 2012).

Em muitas situações, as crianças já chegam à escola encantadas por cantigas populares, canções de ninar, narrativas de lendas urbanas e folclóricas, fábulas, provérbios, adivinhações, anedotas, dentre tantas outras manifestações orais da cultura popular, pois a oralidade é parte vital na transmissão desse tipo de cultura. Nesse sentido, a dimensão do ensino de oralidade que promove a valorização de textos da tradição oral está relacionada as atividades de socialização desses textos que compõem o universo infantil, inserindo as crianças no mundo da oralidade e mostrando a importância de tais textos para a manutenção de diversas culturas. Essa dimensão abrange 16% das atividades de oralidade da coleção “Ápis – Língua Portuguesa”. Permitir que parlendas, trava-línguas, cantigas e fábulas permeiem o cotidiano da sala de aula é positivo no trabalho com o oral, pois as crianças terão a oportunidade de conhecer essa herança cultural ao mesmo tempo em que elas mesmas podem trazer elementos de seu convívio comunitário e familiar.

A dimensão de ensino “relações entre fala e escrita” envolve 19% das atividades de oralidade da coleção em tela. Em toda produção discursiva há uma imbricação entre fala e escrita, mesmo que tenhamos impressão de que estamos “apenas falando” ou “apenas escrevendo”, pois ambas são “atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais” (MARCUSCHI, 2010, p. 16). Desse modo, a relação entre fala e escrita se dá em um *continuum* de práticas e de gêneros, de forma que algumas práticas, apesar de serem orais, são influenciadas pelo escrito e vice-versa (MARCUSCHI, 2010; MARCUSCHI; DIONISIO, 2007). Sendo assim, é objetivo dessa dimensão explorar esse *continuum* entre fala e escrita onde ambas se relacionam em diferentes níveis. É fundamental que as crianças percebam as semelhanças entre alguns gêneros orais e escritos.

A reflexão sobre a fala e suas variações é um aspecto importante a ser explorado no ensino de oralidade, no entanto, a variação linguística é sem dúvidas a dimensão menos trabalhada ao longo de toda a coleção, abarcando apenas 4% das atividades. É objetivo dessa dimensão, discutir a natureza dinâmica e multivariada da expressão oral, bem como combater o preconceito linguístico ao refletir com as crianças sobre as diferentes formas dialetais e sobre os fatores que provocam as diferenças desses modos de falar.

Na dimensão que contempla a produção e compreensão de gêneros orais, o foco está em atividades que desenvolvam habilidades bastante variadas, que de acordo com Leal, Brandão e Lima (2012) vão desde o desenvolvimento de atitudes de respeito a fala do outro,

monitoramento do seu próprio tempo de fala, escuta atenta ao que o outro diz, até conhecimentos e habilidades relativos à forma composicional de gêneros complexos, como seminários, notícias orais ou debates regrados, além dos conhecimentos relativos aos papéis desempenhados pelos envolvidos em uma determinada situação de comunicação, como por exemplo, em um júri.

Esse contínuo também compreende as variações de formalidade e tipos de relações que se estabelecem entre os falantes, partindo das conversas mais informais aos gêneros formais e públicos, de modo que, a expressão oral das crianças seja estimulada, favorecendo o desenvolvimento de capacidades de uso da língua em diferentes contextos e situações. E certos conhecimentos e habilidades só podem ser desenvolvidos a partir de um trabalho sistemático de “reflexão sobre as práticas de linguagem, planejamento do discurso oral e avaliação de textos orais” (LEAL; BRANDÃO; LIMA, 2012, p. 20). Essa dimensão de produção e compreensão de gêneros orais também é pouco explorada na coleção “Ápis – Língua Portuguesa”, abrangendo apenas 7% das atividades do eixo oralidade.

A análise que realizamos das atividades de oralidade na coleção Ápis, Língua Portuguesa, demonstrou que ainda é pouco o espaço destinado ao trabalho com o oral. O foco da maioria das atividades ainda é a fala informal e as situações de conversação, poucas foram as atividades que propuseram o oral formal e público como objeto de ensino.

## **5 Considerações Finais**

Na coleção em tela o trabalho com o oral, enfatiza basicamente as situações de conversa informal sobre temas diversos que objetivam desenvolver nos alunos habilidades referentes a constituição de sua identidade psicossocial, valores, atitudes e comportamentos. Outras atividades promovem situações de aprendizagem em relação a regras de convivência em sala de aula (escutar com atenção e compreensão instruções orais, respeitar acordos e combinados que organizam a convivência em sala de aula, etc.), características da conversação espontânea (respeito aos turnos de fala, escuta atenta, uso de fórmulas de cortesia: por favor, obrigado, com licença, dentre outros), identificação de aspectos não linguísticos (paralinguísticos) e trabalho com gêneros orais (exposição oral, instruções, reconto de histórias, entre outros).

## **Referências**

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; MORAIS, Artur Gomes de. Os Livros Didáticos de alfabetização: Mudanças e Possibilidades de Uso. In: LEAL, Telma

- Ferraz; SILVA, Alessandro da. **Recursos Didáticos e Ensino de Língua Portuguesa**. 1 ed. Curitiba, Editora CRV, 2011.
- ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; FERREIRA, Andrea Tereza Brito. Programa nacional de livro didático (PNLD): mudanças nos livros de alfabetização e os usos que os professores fazem desse recurso em sala de aula. Ensaio: aval.pol.públ.Educ. [online]. 2019.
- CHAEER, Mirella Ribeiro; GUIMARÃES, Edite da Glória Amorim. A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. In: Pergaminho. Centro Universitário de Patos de Minas, 2012.
- COSTA-MACIEL, Débora Amorim Gomes da. **Oralidade e Ensino**: saberes necessários à prática docente. Recife: EDUPE, Editora Universidade de Pernambuco, 2013.
- LEAL, Telma Ferraz; BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; LIMA, Juliana de Melo. A oralidade como objeto de ensino na escola: o que sugerem os livros didáticos?. In: LEAL, Telma Ferraz; GOIS, Siane (orgs). **A oralidade na escola**: a investigação do trabalho docente como foco de reflexão. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. In: DIONISIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **O livro didático de português**: múltiplos olhares. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva. Princípios gerais para o tratamento das relações entre a fala e a escrita. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva (orgs). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- SOUZA, Júlia Teixeira. **Concepção de oralidade presente no PNAIC e na formação dos orientadores de estudos e professores alfabetizadores de Pernambuco**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015
- SOUZA-MACHADO, T. H. As práticas orais na escola: recomendações do livro didático do 1º ano do ensino fundamental. **Domínios de Linguagem**, v. 7, n. 1, 2013.
- TRINCONI, Ana. BERTIN, Terezinha. MARCHEZI, Vera. **Ápis Língua Portuguesa**, 1º ano: Ensino Fundamental, anos iniciais. 3 ed. São Paulo, Ática: 2017.
- TRINCONI, Ana. BERTIN, Terezinha. MARCHEZI, Vera. **Ápis Língua Portuguesa**, 2º ano: Ensino Fundamental, anos iniciais. 3 ed. São Paulo, Ática: 2017.
- TRINCONI, Ana. BERTIN, Terezinha. MARCHEZI, Vera. **Ápis Língua Portuguesa**, 3º ano: Ensino Fundamental, anos iniciais. 3 ed. São Paulo, Ática: 2017.
- VIEIRA, Zeneide Paiva Pereira. **Cartilhas de alfabetização no Brasil**: um estudo sobre trajetória e memória de ensino e aprendizagem da língua escrita. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Memória; Linguagem e Sociedade. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2017.
- WINCH, P. G. **Oralidade e livro didático**: uma possível reconfiguração no ensino de Língua Portuguesa. Tese. UFSM, 2014.